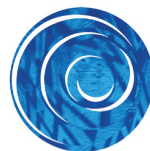




BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



Amor, filosofia, sabedoria e felicidade

“Nossa era é a do nascimento de um novo sagrado - do sagrado de face humana.”
Luc Ferry, *Fronteiras do Pensamento* São Paulo, 28 de setembro de 2011

O *Fronteiras do Pensamento* ofereceu um encontro com as mais antigas bases da filosofia. O francês Luc Ferry trouxe à contemporaneidade aquela que seria a questão norteadora do pensamento grego: o que é a boa vida? O conferencista contou a antiga história do rei grego Ulisses para mostrar como a busca pela boa vida é atemporal e fundamental ao homem. Em um segundo momento, abordou o impacto do surgimento do casamento por amor nos mais diversos campos da vida em sociedade.

Ferry iniciou sua exposição colocando a filosofia como doutrina da salvação e da superação dos medos, que seriam os principais obstáculos para a boa vida. A filosofia abarca tanto valores morais, quanto espirituais. É por meio da união de ambos que conquistamos a boa vida!

Valores morais são sempre formados por dois elementos: o respeito ao outro e a bondade (gentileza e generosidade). Mas, mesmo que a mais bela e perfeita moral fosse aplicada, isso não impediria ninguém de morrer. Ou seja, a questão da morte não é uma questão moral. Até mesmo o amor passa longe da moral, apontou Ferry. “Mesmo que sejamos movidos pela bondade, isso não garante a reciprocidade no amor.” Finalmente, a banalidade da vida cotidiana também não toca em valores morais. A infelicidade na vida profissional ou o tédio do cotidiano repetitivo não dependem de generosidade ou bondade. Em suma, a moral é incapaz de responder grandes questões existenciais – a salvação da morte, o amor e o cotidiano – estas devem ser agrupadas sob o conceito de *espiritualidade*. É a união dos valores morais e da espiritualidade que conduz à boa vida.

Para Ferry, a história de Ulisses, herói do poema épico *Odisseia*, é a matriz de toda filosofia, pois é a primeira resposta não religiosa à boa vida. Ulisses vai do caos da guerra à paz, do ódio e do medo ao amor e à serenidade. “O itinerário de Ulisses é filosófico, não uma aventura geográfica. É uma busca pelo sentido da vida.”, argumenta o filósofo.

A história de Ulisses começa na guerra travada entre o príncipe de Tróia, Páris, que seduz Helena, esposa do Rei de Esparta, Menelau. A viagem de Ulisses inicia no caos da guerra para defender Menelau, esclarece. “É muito importante ver que tudo começa do horror, do medo e do ódio. O caos é o ponto de partida da vida.”, argumenta o conferencista, que exemplifica a questão com o choro dos bebês ao nascer: “O medo é o sentimento primordial e é a partir dele que começamos nossa jornada pela boa vida.”.

Ferry atenta a alguns elementos da história de Ulisses para explicar os caminhos e desvios à boa vida. Todos os empecilhos lançados sobre a viagem de Ulisses, que tentava retornar ao seu lar e à sua esposa, eram nada mais do que figuras do esquecimento, tentativas de fazer o herói apagar da memória o lugar que o faria feliz em serenidade. Algumas destas figuras: os grãos de lótus, que causam amnésia; os cantos da feiticeira Circe e das sereias; e o sono profundo que o desvirtua do objetivo. O mais importante destes fatores é Calipso, a bela deusa que se apaixona por Ulisses e que o mantém em sua paradisíaca ilha. A deusa oferece ao herói prazeres sexuais, ninfas, animais e outros encantos, mas Ulisses chora todas as noites de saudade de seu lar, Ítaca. Com pena do herói, Atena pede ao pai,



WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR

Braskem
Novas formas de ver o mundo

CPFL
ENERGIA

natura
bem estar bem

M Mackenzie

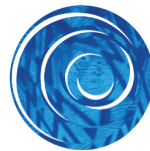
FOLHA
NÃO DA PRA NÃO LER

CASA DO SABER



BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



Zeus, para pedir à Calipso que deixe o amado prosseguir sua viagem. Enraivecida, a deusa apaixonada vai contra Zeus e oferece ao seu amado o que o conferencista considera duas proposições de cunho religioso: imortalidade e juventude eterna.

Ulisses, porém, recusa a oferta. “O que quer dizer isso? Ele recusa a imortalidade, pois sabe que uma boa vida mortal é superior à imortalidade fracassada. Para Ulisses, ao contrário do que postulam as religiões, o objetivo não é a imortalidade, mas sim a aceitação da morte e a conquista da boa vida. Esta é a primeira mensagem de todos os grandes filósofos”, esclarece Luc Ferry, que divide o caminho à boa vida em três condições específicas.

A primeira condição, como ensinou Ulisses, é a aceitação da morte. Aceitar a morte é ser capaz de vencer os medos. Existem três grandes tipos de medo: os sociais (timidez, falar em público), as fobias (medos irracionais que geram angústia e impedem a serenidade) e o medo metafísico da morte. “O medo da morte é o mais fundamental dos medos. A morte é tudo que não volta, é o irremediável.”

A segunda condição é habitar o presente, “a única dimensão real do tempo”. O passado nos puxa para trás com sentimentos muito fortes, como a nostalgia, a culpa e as tristes paixões, que nos impedem de viver um bom presente. Quando escapamos do passado, geralmente, é apenas para nos projetarmos na esperança do futuro. Nos escondemos nas ilusões de que as coisas vão melhorar depois. Tanto a nostalgia quanto a esperança nos impedem de habitar o presente. Segundo os estóicos, dizem que os sábios são aqueles que conseguem amar e vencer os medos.

Encontrar seu lugar no universo é a terceira condição. Ulisses foi deslocado de seu lugar pelo caos da guerra e passou sua vida tentando voltar. Quando Ulisses retorna a Ítaca, ele encontra seu lugar no cosmos e se torna um fragmento do universo infinito, pleno de serenidade. Os gregos diziam, então, “se você se tornar um pequeno pedaço do cosmos, perfeitamente integrado à ordem perfeita, terá vencido não só o medo, como a própria morte”.

Luc Ferry também falou sobre a história do casamento por amor, “invenção” muito recente, de não mais do que 40 anos. Trazendo à luz as ideias do filósofo francês Michel de Montaigne, propôs que o casamento por amor é a receita para o fim da própria união. “Se fundamos o casamento sobre a frágil paixão amorosa, inventaremos o divórcio, disse Montaigne. E ele estava certo, pois foi isso o que aconteceu.” Como passamos do casamento arranjado para o casamento por amor? Esta realidade mudou a partir da explosão do capitalismo. Com a saída das pequenas comunidades rurais e com o surgimento do trabalho assalariado, os indivíduos passaram a gozar de liberdade material e escaparam do controle da família.

Ferry expôs duas consequências do casamento por amor. Primeiramente, a invenção do divórcio: “Se você embasa o casamento no amor, você funda toda sua família sobre algo variável. Neste caso, é preciso transformar a paixão em algo novo e durável e este constitui o principal problema do casal moderno”. O filósofo aponta a recente estatística de que 60% dos casamentos europeus terminam em divórcio. Para ele, o casamento por amor é muito mais difícil de ser mantido do que o casamento arranjado. “Viver o amor é mais difícil do que viver a tradição.” Porém, a nostalgia do casamento duradouro burguês é absurda, “Nos amávamos por 60 dias e nos odiávamos por 60 anos.”. A grande questão atual, afirma, é saber se queremos assumir o risco do amor. “É difícil, mas vale a pena.”

E, posteriormente, o surgimento do amor pelos filhos. Na idade média, filhos não eram amados, argumenta. “Da idade média até o início do século 19, 30% das crianças eram abandonadas. Era uma condenação à morte. Nessa época, apenas uma a cada duas chegava aos 10 anos. Não porque a medicina era ruim, mas por causa do abandono. O filho mais velho mantinha o nome e o patrimônio, mas o terceiro filho era deixado para morrer. Hoje, graças ao amor, a morte de uma criança é a pior coisa que pode acontecer.” Esse amor pelas crianças muda completamente

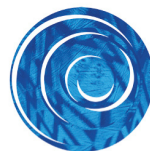


WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR



BRASKEM APRESENTA

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO



nossa vida no plano privado, coletivo e político, defende Ferry. Nos dois séculos passados, toda política ocidental tinha base em duas ideias: “a pátria à direita e a revolução à esquerda”. Atualmente, ambas as ideias estão praticamente mortas. “Hoje, vivemos uma desconstrução das figuras tradicionais do sagrado. O sagrado não é o religioso, mas sim algo pelo qual podemos nos sacrificar.”

Ao longo da história, houve três grandes causas de sacrifícios coletivos: deus, pátria e revolução. “Afirmo que, entre os jovens ocidentais de hoje, mais ninguém morreria por estas causas. Acreditamos nelas, mas não morreríamos por ideias.” As figuras tradicionais do sagrado foram liquidadas. “Não creio na dita era do vazio, como postula Gilles Lipovetsky. O que vemos é o nascimento de um novo sagrado. Nossa era é a do surgimento do sagrado de face humana. Isso muda todo plano político. Os ecologistas foram os primeiros a perceber isso. A grande questão atual é a das gerações futuras: que mundo nós, adultos, vamos deixar a nossas crianças? Da ecologia à educação, todas as grandes questões políticas se reagrupam sobre esse novo foco de sentido. Que mundo vamos legar a quem amamos mais, a todos nossos filhos?”, complementa Ferry.



WWW.FRONTEIRASDOPENSAMENTO.COM.BR

Braskem
Novas formas de ver o mundo

CPFL
ENERGIA

natura
bem estar bem

M Mackenzie

FOLHA
NÃO DA PRA NÃO LER

CASA DO SABER